

dos olhos e o fogo das mesmas Escrituras; enfim, a eliminação de todo o escândalo ou o Ressuscitado e a comunidade. O último capítulo desta segunda parte incide sobre o Invisível a testemunhar. É um capítulo sobre o evento e mistério da Ascensão, como evento cumprido nos olhos, com a reprovação aos discípulos: «Porque ficais a olhar?» e a recomendação: «Sereis minhas testemunhas».

A terceira parte – «Tipologia da visão. Síntese teológica» – apresenta, numa primeira secção, uma síntese teológica sobre a tipologia da visão: Fixar sem ver (os nazarenos), caricatura do ver (Herodes), a cegueira da incompreensão (os doze, no início), o caminho para a visão (o cego), o vidente (Zaqueu), um povo regenerado pelo ver (Lc 23, 33-49), da visão ao reconhecimento (Emaús), Maria e Simeão como *typoi* da visão de fé. Numa segunda secção, é a vez de uma teologia do ver. Aí reflecte o autor sobre o alcance teológico da visão: «ver Jesus» como cumprimento; «reconhecer Jesus» como caminho cristológico. Segue-se a reflexão sobre o alcance soteriológico da visão: dialéctica ver – não ver, a Páscoa como nova visão. Depois, sobre o alcance eclesiológico da visão: ver e/ou ouvir? alcance missionário da visão. Sobre o alcance antropológico: ver como procura de si, ver como procura do outro. Ainda uma reflexão sobre o olhar de conjunto ou a finalidade comunicativa do ver. E, finalmente, sobre o ícone da transfiguração como meta da visão ou a transfiguração como síntese teológico-narrativa, com a questão terminal: narrar ou pintar a salvação?

Esta última questão sugere que o leitor não poderá ignorar estar diante de uma autor russo, formado antes de mais na sensibilidade religiosa do oriente europeu, concretamente na Igreja ortodoxa, tão afeiçoada aos seus ícones, que são, afinal,

verdadeiras sínteses teológicas oferecidas à visão dos crentes sob o modo da pintura e do convite ao olhar contemplativo.

Com ampla bibliografia (pp. 578-606) e índice de autores.

JORGE COUTINHO

DURAND, Emmanuel, **Évangile et Providence. Une théologie de l'action de Dieu**, « Cogitatio fidei », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2014, 348 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-10201-8.

O mistério da providência de Deus, universal e sobre cada pessoa individual, foi versado por filósofos e teólogos, estes não raro servidos de contributos da filosofia. O presente livro, analisando criticamente as mais representativas das teologias históricas da Providência, procura reconduzir a compreensão essencial desta ao mistério da salvação, tal como aparece sobretudo na Revelação neotestamentária. O autor tem presente um certo pessimismo instalado na teologia do nosso tempo, na sequência do paradoxo de um Deus todo poderoso e bom que todavia parece ausente e desinteressado do que se passa no mundo: teologias da *kénosis*, da autolimitação, da impotência de Deus...

O livro começa, justamente, por uma análise da crença na providência divina no nosso tempo, uma crença posta em crise por aquele paradoxo e marcado pela reivindicação da autonomia da ordem criada, pela perda de confiança num sentido da história e pelo primado da visão científica do mundo (cap. I).

Procede, em seguida, a uma análise clarificadora do que significa uma «acção» de Deus no mundo, com o seu espectro teológico e as suas múltiplas variações possíveis

(cap. II). Nos três capítulos seguintes, o autor procura revisitar três grandes teologias da Providência, para delas recolher contributos para uma visão enriquecida da mesma: a de Agostinho, tal como este a expõe nas suas *Confissões*; a de Tomás de Aquino na *Summa contra Gentiles* e a de J. Henry Newman nos seus *Sermões paroquiais*.

No cap. VI, E. Durand enfrenta o grande obstáculo a uma teologia da providência, mormente enquanto providência sobre as pessoas e as coisas singulares. Tal é a realidade e o mistério do mal. O seu objectivo não é responder ao problema, mas delimitá-lo, em ordem a uma abertura à escuta da Revelação no que ao mesmo se refere.

É então o momento de entrar na leitura do que a Bíblia diz sobre o assunto. Durand tenta então uma teologia da acção de Deus, começando por uma releitura sapiencial do Êxodo. Segue-se o evangelho de Lucas, com as suas exigências aos discípulos para a entrada no Reino e a sua orientação para a confiança no seio providencial de Deus. Analisa os caminhos segundo os quais Deus interpela, conduz e solicita os discípulos de Cristo. Finalmente, ensaia uma reinterpretação pascal da Providência divina, servindo-se da narrativa joanina da Paixão, procurando evidenciar como Deus se acomoda admiravelmente às contingências e desfigurações cumulando-as paradoxalmente de uma graça em forma de salvação.

Um último capítulo serve ao autor para ensaiar o seu modo de ver a Providência, não teoricamente como atitude e acção sobre um mundo tal como este deveria ser, mas concretamente sobre um mundo tal como efectivamente é, transtornado pelo mal.

Emmanuel Durand é dominicano, professor no Instituto Católico de Paris.

LUÍS SALGADO

RODRÍGUEZ PANIZO, Pedro, **La herida esencial. Consideraciones de Teología Fundamental para una mistagogía**, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2013, 318 p., 215 x 145, ISBN 978-84-285-4340-8.

Este livro pode inscrever-se simultaneamente nos âmbitos da Teologia Fundamental e da Teologia Espiritual. E poderia mesmo ser tido em conta pela Teologia Pastoral. De facto, o autor é professor de Teologia Fundamental na Universidade Pontifícia Comillas de Madrid, onde ensina também Teologia das Artes de Ficção. Mas a sua preocupação é, neste caso, mais que simplesmente teórica, de carácter prático.

A «ferida essencial» referida no título evoca aquela ideia, que vem especialmente de Santo Agostinho, de que há em cada ser humano uma brecha que, em modo de Desejo, o abre para o Infinito, tornando-o um ser *capax Dei*. Uma tal abertura convida ao mergulho no Mistério. E tal é a função daquilo que vem sendo classificado com o nome de mistagogia.

O livro de Rodríguez Panizo tem ele mesmo a intenção de, tendo em conta aquele convite, ser um auxiliar para quantos se proponham seguir esse caminho mistagógico, um caminho que, como sugere o autor no seu Prólogo, é «cheio de descobertas, de alegrias indizíveis e de dores que fazem crescer e ser muito mais livres». Assim, o primeiro capítulo – «Da situação espiritual contemporânea» – evoca, na base essencial das análises de Michel Henry e de Mário Vargas Llosa, as condições do tempo presente, em que temos de viver a nossa fé. Os três seguintes versam, respectivamente, «Da essência da experiência religiosa», «Do Deus mistério» e dos «Convites à experiência mística em alguns teólogos contemporâneos», sublinhando neste último a